

ENSINO DE FILOSOFIA: UM CAMINHO PARA SAIR DO CETICISMO E RELATIVISMO

Autor: Douglas Giuliani Durigon*
Coautores: Guilherme Alves de Souza**
Juciani Severo Corrêa***

Resumo: Este estudo busca apresentar um breve olhar sobre a educação. Nesse sentido, o trabalho foi dividido em três partes para melhor compreender o tema e facilitar a leitura. Num primeiro ponto, será feita uma leitura do contexto histórico que vive-se, alertando principalmente para o grande ceticismo e relativismo encontrado na sociedade, que quer tudo para agora e não tem tempo de esperar. Também será visto que a filosofia desvia-se de seu objetivo central e acaba caindo quase que numa outra disciplina qualquer. Já no segundo ponto serão analisadas as leis que proporcionaram que a filosofia se tornasse uma disciplina na matriz curricular e, no mesmo capítulo, serão apontadas as principais dificuldades ou empecilhos que se davam para a não adesão da filosofia na matriz curricular, dificuldades essas que com o passar do tempo foram superadas e uma breve contextualização da educação no Rio Grande do Sul. Por fim, será proposta uma pedagogia baseada no diálogo, onde os textos clássicos de filosofia ocupam o papel da sensibilização. Para concluir, um alerta para a principal tarefa da educação: a humanização.

Palavras-chave: Ensino de filosofia. Ceticismo. Relativismo.

Contextualização histórica

Muito se fala nos dias atuais, que estamos passando por um contexto histórico muito conturbado, tanto no âmbito político quanto moral, social, cultural e tecnológico. Na dissertação de mestrado em filosofia de Flávio Telles de Melo (2007), ele afirma que “caímos numa situação de ceticismo e relativismo em todos os aspectos teóricos da vida humana, e, mais gravemente, no aspecto ético-moral” (p. 58).

Se analisarmos a afirmação feita por Melo, perceberemos como isso é concreto em nossa sociedade, pois chegamos a um ponto em que as pessoas não sabem mais em quem acreditar, não há mais uma verdade onde possam ancorar suas vidas, o ceticismo é acentuado.

* Licenciado em Filosofia pela Faculdade Palotina (FAPAS) em 2016 e acadêmico do primeiro semestre de bacharelado em Teologia na mesma instituição. E-mail: douglasgd@live.com.

** Acadêmico do terceiro semestre de licenciatura em Filosofia pela Faculdade Palotina (FAPAS). E-mail: gui_de_s@hotmail.com.

*** Professora no curso de Filosofia da Faculdade Palotina (FAPAS) e dos cursos de licenciatura do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA); mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS). Email: juciani@unifra.br.

Por outro lado, temos um relativismo onde ‘tudo passa’, não se precisa ter nenhum compromisso, cada um faz suas próprias verdades, pois tudo é relativo.

Sobre esse mesmo contexto histórico que vivemos, conhecido como pós-modernidade, o sociólogo Ricardo Rossato (2012) corrobora com a afirmação quando diz que “vivemos pois, o tempo do imediato, do presente, do cotidiano, do contingencial, do plural, da diversidade, de desconfiança em relação a qualquer certeza, do questionamento universal, e da verdade individual” (p. 95).

As transformações são muitas e de forma acelerada. A toda hora, a todo o momento as pessoas têm de estarem atualizando-se, se não quiserem ficar paradas no tempo. Com tantas mudanças podemos dizer que “atualmente o momento deve ser visto como uma lenta transformação cultural” (ROSSATO, 2012, p. 93), porém, tamanhas são as mudanças que nos levam a afirmar que estamos em uma transformação cultural.

Todos esses aspectos influenciam de forma decisiva na educação ou nas práticas de ensino, por isso a importância de reconhecermos os mesmos para que se possa propor uma prática de ensino.

Antes de relatarmos um pouco sobre a filosofia nas escolas queremos discorrer sobre dois pontos que se referem ao contexto histórico que se vive: o primeiro é o da educação como um todo; o segundo ponto é do ensino de filosofia. Olhando para a educação nos dias atuais, percebemos que ela muitas vezes está voltada estritamente para o mundo do trabalho, ou seja, se ensina e se formam pessoas para o mercado de trabalho. A educação não visa “mais a produção de ‘homens honestos’ [...] mas sim a dos assalariados intelectualmente muito qualificados” (MANDEL, apud. ROSSATO, 2012, p. 93). A educação não visa mais formar pessoas numa integralidade, sua principal função passou a ser formar pessoas muito mais qualificadas para trabalharem.

Quanto a essa nova tarefa que a educação está assumindo nos nossos dias, Rossato já alerta que a “a educação corre o sério risco de ser instrumentalizada, e assumir com a maior responsabilidade o treinamento para fazer, quando o primeiro grande dever é ocupar-se do humano como um ser inacabado e em constante processo de formação” (2013, p.192), ou seja, a educação está perdendo o sentido de existir, que seria de formar o humano em todos seus aspectos: espiritual, sexual, intelectual, entre os diversos outros aspectos do ser humano.

Outro aspecto que fica evidente se analisarmos a educação ou a prática de ensino na sua maioria é que “os alunos tornaram-se passivos recebedores de matéria. Limitam-se a copiar o que lhes é ditado, ou a receber a matéria pronta nas apostilas ou nos manuais” (RUBIN, 2008, p. 28). A escola, ou melhor dizendo, alguns professores, por vezes fazem dos

alunos máquinas de copiar, decorar e transcrever nas avaliações. Exigem pouca reflexão dos alunos.

Nessa perspectiva vista acima, corre o sério risco de que muitos alunos saiam da escola sem saber pensar por si, apenas decorando a matéria exigida pelo professor e produzindo-a. O pior é que se analisarmos muitos vestibulares, perceberemos que já estão assim, onde não se exige que o aluno saiba refletir e pensar, mas simplesmente tenha decorado conceitos e fórmulas.

Baseado nesses problemas, vários teóricos já estão procurando refletir para se mudar a visão de educação, que hoje está muito ligada ao conteúdo e o mercado de trabalho, para uma educação mais humanizadora. Assim eles descrevem: “o trabalho do professor não se limita a uma transmissão de conteúdo, numa preparação para o futuro, mas ele está pautado na formação do ser humano” (SILVA; FERREIRA, 2013, p. 105).

Há diversos outros autores que tratam de que a principal tarefa da educação não é a transmissão de conhecimento, pois isso não é o mais importante, mas sim a proposta de educação que é apresentada no final da citação: a educação pautada na formação do ser humano. “Embora o modo de ensinar possa ser questionado, contudo a grande tarefa da educação é a construção do ser, do humano em todas as suas dimensões” (ROSSATO, 2013, p.197). Assim, ratificamos que a principal tarefa da educação é a formação do ser humano na sua integralidade.

Sobre o contexto da filosofia que nos propomos a falar acima, basta elucidar uma breve citação do Achylle Rubin que em seu livro Também você é filósofo afirma que “depois de Descartes, morto em 1650, e, sobretudo, depois de Emanuel Kant, morto em 1804, a filosofia centrou-se no estudo do pensamento e da sua expressão. Foi assim reduzida a lógica e a filosofia da linguagem” (2008, p. 43). Ou seja, a filosofia perde a sua essência, torna-se outra disciplina qualquer e deixa de lado o seu principal campo de trabalho, a metafísica, pois segundo Kant, só podemos fazer ciência daquilo que podemos mostrar ou experimentar¹. A filosofia cada vez mais desvia-se do seu objetivo e se reduz a outra disciplina positivista.

Visto já em formas simples e breves o contexto histórico da educação e o da filosofia, buscaremos agora refletir um pouco sobre a filosofia nas escolas. Refletir sobre o ensino de filosofia nas escolas é relevante pois é uma área do conhecimento que sofre grandes recusas,

¹ Para isso, basta analisarmos o exemplo que Kant demonstra na *Crítica da Razão Pura*, na qual a pomba sente que poderia voar melhor no vácuo, assim também, para Kant, é o nosso conhecimento: não pode se desprender do mundo sensível e tudo que está além deste é mera especulação científica. Mas, sobre este assunto não queremos adentrar, recomendamos a leitura da obra *Crítica da Razão Pura*, *Crítica da Razão Prática* e *Crítica da faculdade do juízo*.

inclusive proibições em alguns períodos. Abordaremos por acreditarmos que é uma porta para a saída do relativismo e ceticismo.

Filosofia nas escolas

A história da filosofia nas escolas já passou por muitas transformações e reajustes. Em 1971, por exemplo, com o regime militar, ela acaba quase que desaparecendo das escolas².

Um marco histórico para a filosofia ocorreu no ano de 1996 com a lei n. 9.394/96 que “determina que, ao final do ensino médio, todo estudante deverá dominar os conhecimentos de filosofia e de sociologia necessários ao exercício da cidadania” (FAVERO, 2004, p. 259). Lei essa que mexeria com praticamente todos os currículos escolares.

Para a implementação da disciplina de filosofia e sociologia, três empecilhos foram apontados, como nos diz o artigo ‘organizado’ por Altair Alberto Fávero (2004, p. 259 – 260). Um primeiro seria devido a precariedade da formação de professores e também devido a sua escassez. O segundo empecilho para a não implementação da disciplina de filosofia nas escolas era o remanejamento curricular, que precisaria ser feito nas escolas para encaixar mais uma disciplina na matriz curricular dos alunos. Por fim, o terceiro argumento vinha por parte daqueles que criticam o modo das disciplinas nas escolas. Esses afirmam que “transformá-la em ‘matéria escolar’ seria sujeitá-la aos rituais e tratamentos pedagógicos que os estudantes costumam identificar, precisamente, como o oposto da crítica, do prazer, da autonomia” (FAVERO, 2004, p. 259).

Essas dificuldades aos poucos foram vencidas e cada vez mais a filosofia foi sendo inserida no currículo escolar, principalmente graças a lei 9.394/96 em que a filosofia passa a ser obrigatória no ensino médio. Conquista essa que demandou muita luta e diversos anos de insistência. O principal motivo pelo qual a filosofia foi retirada dos currículos, no nosso ponto de vista, é devido a ela ensinar-nos a pensar acima dos fatos ocorridos no mundo, coisa essa que muitas pessoas não querem, pois se possuímos seres humanos cultos, teremos pessoas

² Apenas para termos uma noção sobre o currículo educacional da década de 1970, disciplinas como Filosofia e Sociologia, nem sequer são mencionadas na sua Lei de Diretrizes e Bases. No entanto, surge uma nova disciplina: Educação Moral e Cívica, que demonstra claramente a visão que se possuía, de ‘fabricar’ cidadãos que façam somente o que lhes compete e trabalhadores para que movimentem a economia (cf. Art. 1º; Art. 5º § 2º; Art. 7º). Dizemos que a filosofia praticamente desaparece porque ao tratarmos de moral, de certa forma, ainda é uma pequena parcela da mesma; também a filosofia estava presente de forma oculta em outras disciplinas, dependendo do posicionamento que o docente conduzia as aulas. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 14 mar. 2017.

críticas, e em qualquer lugar, é melhor trabalhar sem essas pessoas, pois é mais fácil de manipulá-las.

No contexto do Estado do Rio Grande do Sul, as escolas passam por um período de mudanças e readaptações no ensino médio com a implantação de um novo currículo, ou melhor, a implantação do ensino médio politécnico. Esse novo currículo, segundo a Secretaria de Educação do Estado, determina que “o estudante terá, além das aulas dos componentes curriculares do Ensino Médio, o desenvolvimento de projetos com atividades práticas e vivências relacionadas com a vida, com o mundo e com o mundo do trabalho” (2011 p. 4), possibilitando assim que os alunos ao saírem do ensino médio estejam prontos para encarar as necessidades do mundo contemporâneo³.

Visto que já temos respaldo legal para ensinar filosofia, basta agora tentarmos buscar o melhor método, ou a melhor forma possível, para aplicar esses conhecimentos em sala de aula.

Uma proposta pedagógica

Assim como existe uma diversidade de modos de ver o mundo, há também uma diversidade de modos de ensinar a filosofia para com os alunos. “Assim como não existe uma filosofia, mas filosofias, também não há um caminho único para seu ensino, mas uma gama variada de caminhos que podem ser percorridos” (HORN; VALESE, 2014, p.37). Em meio à tamanha diversidade e tamanho pluralismo temos que fazer uma opção por um modo de ensinar. Fica claro que não nos propomos a criar nenhum novo método, até porque não teríamos capacidades para isso, mas fazer alguns pequenos apontamentos que consideramos de suma importância.

Um ponto que para nós possui uma relevância fundamental é que “a própria vida é a filosofia e sua didática. Nada há para ensinar a não ser mostrar certo modo de andar pela vida” (KOHAN, 2009, p.31). Assim sendo, não há uma filosofia dissociada da vida humana, e não são os ensinamentos dos teóricos que defendem um pensamento sem vivê-lo. O grande ensinamento que um filósofo pode transmitir, é a partir de seus atos, assim como Sócrates fez, quando entregou sua vida pela sua filosofia, entregou sua vida por defender aquilo que acreditava.

³ Além do mais, esse programa busca uma maior formação integral. Para saber mais sobre esse programa que está sendo instalado primordialmente nas escolas do Rio Grande do Sul confira o artigo disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_perguntas_respostas.pdf>. Acesso em 18 fev. 2017.

Outro aspecto que possui central relevância, é que o processo de educação não se reduz a um período da vida, ou tão somente a escola “o aprendizado é um processo de toda uma vida” (ADLER, 2013, p. 216). Seria inútil pensarmos que os alunos ao saírem das escolas estejam prontos e completamente formados. A educação se dá em todas as etapas da vida. “O aprendizado é importante demais para ser restrito à infância” (ADLER, 2013, p. 217). Na escola temos subsídios que facilitam nossa aprendizagem de forma mais rápida e que nos preparam para vivermos no mundo.

Se afirmamos acima, que em todas as etapas da vida devemos estar aprendendo, então devemos concordar com Aristóteles quando ele afirma que “a educação deve preencher as lacunas da natureza” (1985, n. 1337 a). Ou seja, em cada etapa de nossa vida há um tipo de conhecimento que nós devemos apreender, e queimar etapas é acabar com o desejo de aprender dos alunos⁴. “Se o aprendizado deve continuar durante a vida toda depois da escola, é necessário aprender como apreender” (ADLER, 2013, p. 222). Ou seja, como afirmamos acima, a escola deve ensinar a aprender.

Visto que estamos continuamente apreendendo uma das grandes tarefas da escola ensinar é apreender a cultivar o desejo de que os estudantes busquem por si mesmos o conhecimento. “A escolarização falha miseravelmente se não prepara os jovens a continuarem aprendendo depois que abandonam a escola, a continuarem com seu aprendizado pelo resto de suas vidas” (ADLER, 2013, p. 216). Assim sendo, a busca da autonomia⁵ dos alunos deve ser uma das principais tarefas da escola, pois só assim conseguiram continuar buscando o conhecimento quando saírem das escolas.

Outro aspecto muito relevante para o ensino de filosofia, ao nosso ver, é o diálogo⁶ com os alunos. Diálogo esse com ‘conteúdo’, onde se discutam ideias de autores. “Ensinar é uma arte e nada pode substituir a riqueza do diálogo pedagógico” (DELORS, apud. ROSSATO, 2013, p. 189). Diálogo esse que como frisamos acima, tem que ter um objetivo final, caso contrário, se torna apenas mais uma conversa para matar a aula.

“O conteúdo necessita estar ligado com a vida deles [alunos], tudo o que acontece na sala de aula precisa ter alguma ligação com a vida dos estudantes” (SILVA; FERREIRA, 2013, p. 96-97). Portanto, deve se fazer um diálogo filosófico que esteja ligado com a vida

⁴ Achylle Rubin descreve sobre esse assunto no segundo capítulo do livro *Também você é filósofo*, no qual nos ateremos, mas sugerimos a leitura para maior aprofundamento.

⁵ Autonomia “implica sempre em ter uma certa independência, em determinado campo” (COELHO, 1989, p. 532-533).

⁶ Aqui é preciso que haja um cuidado muito grande para não fazer do diálogo, ou conversa com os alunos em sala de aula, um simples passatempo. Toda vez que nos referirmos ao diálogo, falaremos do diálogo que visa um conteúdo, que não seja apenas um passatempo, mas que faça com que os alunos reflitam e adquiram conhecimento.

dos alunos. Esse diálogo deve despertar a curiosidade, pois somente quando for significativo e despertar a curiosidade, será proveitoso e o aluno guardará algo.

Para esse diálogo pedagógico é de grande proveito para a sensibilização dos alunos, o uso de textos filosóficos, de preferência dos livros clássicos de filosofia, estratégia essa recomendada por 83,3% dos professores (cf. HORN; VALESE, 2014, p. 28). “O texto deve ser tomado como instrumento mediador do processo de argumentação, de discussão, e do pensar sistemático voltando, em última instância, ao sentido essencial de toda e qualquer atividade filosófica” (HORN; VALESE, 2014, p.33).

Recomenda-se também que antes de se propor o diálogo com todos, seja feito um diálogo entre pequenos grupos em sala para que, posteriormente, se expressem com mais facilidade. É importante também esse diálogo ter um direcionamento. Esse papel é proeminente do professor. Um cuidado muito grande que deve-se ter é que “muitas vezes o trabalho limita-se à interpretação e contextualização de fragmentos de alguns filósofos, ou de debate sobre temas atuais, confrontado com pequenos textos filosóficos” (FAVERO, 2004, p. 272 - 273). A interpretação é importante, mas deve ter um segmento, não deve ficar tão somente na interpretação.

Um dos aspectos aos quais a educação não pode deixar de lado é o objetivo de humanizar as pessoas, proporciona-las o reconhecimento de sua humanidade e todas as características que o tornam o que é, para isso “as questões humanas devem perpassar todo o processo educativo. Entre eles, a retomada do sentido da ética que a modernidade separou do mundo da economia, da política, da cultura” (2011, p.36).

Considerações finais

Gostaríamos de frisar um aspecto não tanto pedagógico, mas que consideramos o papel central da educação, o de humanizar, de criar verdadeiramente cidadãos e não competidores que esquecem de todo tipo de ética ou de virtude, como nos apresentou Rossato. O ser humano precisa reconhecer-se como humano, no sentido de que ao aceitar as suas características que o tornam único, possa então desenvolver suas potencialidades e saiba lidar com cada uma delas.

Através do diálogo reflexivo é possível buscar a recuperação do sentido ético e se tornar uma pessoa com princípios e valores, opondo-se a alguns sistemas que enfocam apenas no caráter profissional e encaram a virtude como um obstáculo que dificulta o homem alcançar os seus objetivos e por isso rejeita-as.

É indispensável para qualquer professor que queira assumir a docência da filosofia que, possua um desejo profundo pela busca do conhecimento verdadeiro, rejeitando todo tipo de idolatrias e todo tipo de ‘bandeiras’, só assim, conseguirá ter uma verdadeira noção do ser humano, respeitando-o, independentemente de raça, classe, credo ou cor. Tendo essa noção de ser humano, conseguirá através da filosofia levar os alunos a um diálogo que possa coloca-los em contato com a mais pura verdade, que é o horizonte da filosofia.

É caro ressaltar que a verdade com que os alunos devem ser impelidos pelo ensino de filosofia não lhes seja entregue de forma dogmática ou de forma brusca. O ensino de filosofia, mediado pelo diálogo, deve ser como um caminho no qual o aluno é levado, mas que deve seguir de maneira autônoma na busca da verdade, para que sinta o prazer que caminhar rumo a ela e se torne um homem crítico e não caia no ceticismo e no relativismo, onde existem verdades subjetivas, pois através deste caminho que percorrerá, será possível encontrar a verdade tal qual é.

Foi possível termos uma noção de como a estrutura curricular na década de 1970 esteve e como está atualmente. O professor nesse período não possuía a autonomia (conceito abordado) no desempenho da docência, isso porque o que havia era uma grade com conteúdos fixados, os quais não podiam ser alterados. A atual LDB proporciona ao professor um pouco mais de liberdade para que, conforme o decorrer das aulas, possa fazer as devidas mudanças visando um melhor andamento das aulas.

Por fim, faz necessário salientar que se a educação ensina a crianças, jovens ou qualquer outro aluno a ser melhor e agir bem perante o mundo, sua missão foi cumprida, caso contrário, foi apenas mais uma ocupação para os homens.

Referências Bibliográficas

ADLER, Mortimer J. **Como pensar sobre as grandes ideias**. Traduzido por Rodrigo Mesquita. São Paulo: É Realizações, 2013.

ARISTÓTELES, **Política**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora universidade de Brasília, 1985.

BERNARDIN, Pascal. **Maquiavel pedagogo**. Ou do ministério da reforma psicológica. Tradução de Alexandre Müller Ribeiro. Campinas: Ecclesiae e Vide Editorial, 2012.

COELHO, A. Autonomia. In: LOGOS: **Enciclopédia luso-brasileira de filosofia**. Lisboa: Verbo, 1989. v. 1. 532-533.

FAVERO, A. O ensino da filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 24, n. 64, Set/Dez 2004, p. 257-284. Disponível em <<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/FilipeCeppas.pdf>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

HORN, Geraldo Balduino. VALESE, Rui. O sentido e o “lugar” do texto filosófico nas aulas de filosofia do ensino médio. In. NOVAES, José Luís Corrêa. (Org.) & AZEVEDO Marco Antonio oliveira de (Org.). **A Filosofia e seu Ensino: Desafios Emergentes**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014. p. 27-40.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. **Crítica da razão prática**. Lisboa: Edições 70, 1984.

_____. **Crítica da faculdade do juízo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar**. Tradução de Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MELO, Flávio Telles. **Pressupostos fundamentais da intersubjetividade na ética do discurso de Habermas**. 2007. Tese (mestrado em filosofia) Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. Disponível em: <http://www.uece.br/cmef/dmdocuments/Dissertacoes2007_Pressupostos_intersubjetividade_habermas.pdf> Acesso em: 06 de mar. 2016.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Secretaria da educação: **Seduc debate reestruturação curricular do Ensino Médio** 2011. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_perguntas_respostas.pdf> acesso em 10 de abr. 2016.

ROSSATO, Ricardo. Educação: desafios e perspectivas. In. SILVA, Jolair da Costa. BAPTISTELLA, Rogério (Org). **Educação: docência e humanização**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. p. 29-38.

_____. Pós-modernidade: As novas tecnologias e a humanização da educação. In: CAVALHEIRI, Alceu; ENGERROFF, Sérgio Nicolau; SILVA, Jolair da Costa (Org). **As novas tecnologias e os desafios para uma educação humanizadora**. Santa Maria: Biblos, 2013, p. 181-198.

_____. **Pós-modernidade: angústias e esperanças**. Santa Maria: Biblos, 2012.

RUBIN, Achylle Aleixo. **Também você é filósofo**. Santa Maria: Gráfica e Editora Pallotti, 2008.

SENADO FEDERAL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Brasília, 1971. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 14 mar. 2017.

SENADO FEDERAL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Brasília, 2005. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em 20 de abril de 2016.

SILVA, Jolair da Costa; FERREIRA, Liliana Soares. O trabalho entre techne e práxis: In: CAVALHEIRI, Alceu; ENGERROFF, Sérgio Nicolau; SILVA, Jolair da Costa (Org.). **As novas tecnologias e os desafios para uma educação humanizadora**. Santa Maria: Biblos, 2013, p. 77-111.